

Manejos de políticos

Quando o sr. António Maria da Silva andava organizando o seu ministério pretendia entender-se com os nacionalistas para obter deles senão um apoio declarado pelo menos a sua não hostilidade. E o sr. António Maria da Silva, dizem as gazetas, ofereceu lugares de deputados e senadores aos nacionalistas; estes, porém, exigiram mais: queriam várias concessões a respeito dos revoltosos do 18 de Abril, suspensão de castigos, soltura de presos, abolição do decreto que os separa do serviço público.

Este assunto presta-se a alguns comentários. Em primeiro lugar há que acentuar a desfaçatez, a sem vergonha, a falta de moralidade política que representa aquela cosinha eleitoral preparada no ministério do interior. Depois há a frisar a circunstância de os políticos se interessarem tanto pela sorte dos implicados no 18 de Abril que estão sofrendo as consequências legais do seu acto e contra os quais se não exerceu a violência da deportação, quando aliás o decreto que permite as deportações foi baseado exactamente nesse movimento revolucionário.

Vê-se que aos políticos nada interessam os princípios, mas as suas conveniências partidárias. Já sabemos, mas nunca é de mais acentuá-lo, por causa dos ingênuos que ainda acreditam na acção dos partidos como elemento de transformação social.

Com as deportações ninguém se preocupou. Gregos e troianos parece estarem de acordo a esse respeito. O que interessa é libertar os implicados no 18 de Abril, para eles tentarem outra revolta e assegurar nas eleições uma certa influência política.

A falta de pudor foi até ao ponto de se pretender subornar os parlamentares independentes garantindo-lhes a sua reeleição. Claro que, em troca, seria dado o apoio ao governo. Como tudo isto é baixo e ignóbil! E há ainda quem acredite que esta república tem uma função social...

Contra a fraudulência política e bem à parte dela, o operariado tem de tomar uma atitude de definida oposição a todos os atropelos que têm sido feitos aos seus direitos.

Mais do que nunca precisa de organizar-se e unir-se numa verdadeira solidariedade. Os políticos coligaram-se, e para as suas coligações nenhum escrúpulo os detém. Necessário é que as pessoas de bem, em sua própria defesa, se solidarizem para se defenderem do assalto à sua liberdade e à sua vida que a coligação dos políticos sem escrúpulos representa. Operários de todas as profissões, reflecti sobre o perigo que representa para vós o triunfo contra os princípios do direito, da moral, da própria humanidade, da política reles que por aí se está fazendo! Urge opor uma reacção eficaz contra toda essa banalidade, marcando no meio da imoralidade dos partidos, uma atitude que distinga bem o operariado da cambada ignóbil que pretende combatê-lo.

Os deportados

Para elucidar da opinião pública e das famílias das vítimas nota exacta dos deportados arbitrariamente pelo governo da república e a sua distribuição em Cabo Verde e na Guiné.

Em São Tiago de Cabo Verde desembarcaram no dia 10 de Junho os seguintes presos:

Amadeu Carlos das Neves, Mário dos Santos Fontainhas, Manuel Francisco, José Lopes, José de Almeida Figueiredo, António Augusto dos Santos, Daniel Severino, Elpidio Duarte Pedrosa Silva, Arsénio José Filipe, Domingos Paiva, José Soares, Julião de Almeida, Luís Ferreira da Silva, Luís Cardoso, Eugénio Augusto Ribeiro, Joaquim Manuel Cardoso, Alberto Abrantes Castanheira, Alexandre José dos Santos, João Ferreira e Bernardino dos Santos.

No dia 13 do mesmo mês desembarcaram em Bolama (Guiné), os seguintes deportados:

Manuel Tavares, José Alves dos Santos, António Dias, Manuel Duarte Pereira, Alvaro Damas, João Fernandes Pinto, Aníbal dos Santos, Mário Gonçalves, Abel Venâncio da Silva, Carlos Ferreira, Alfredo Pereira Vaz, Fausto da Silva Teixeira, José Rodrigues de Almeida, Alvaro Castela ou José Castela, Artur Pinho Alonso, Raúl Honório, José Gomes Pereira, Luís dos Santos Oliveira, Carlos Saldanha, João da Conceição Alves ou José Vargas, Pedro de Jesus, João Nunes Carneira, Joaquim António Pereira, Rodolfo Marques da Costa, Pedro Guia de Oliveira e Alfredo dos Santos.

A momentosa questão da China

que está interessando ao mundo revolucionário

O mundo inteiro, compreende enfim, que é chegada o momento de sacudir o jugo da opressão capitalista. Os seus desmandos, as suas insolentes arbitrariedades, a ruína produzida pelas suas extorsões, levadas ao máximo, criaram a revolta que vem há muito germinando, mas que só agora se manifesta com uma extensão, que só por si bastaria para demonstrar quão grandes têm sido os crimes dos imperialistas vampiros de todos os povos.

O despertar da China é uma prova eloquente. Sendo um país de tão numerosa população, que se conta um chinês por cada quatro habitantes do globo, a sua revolta, o seu acordar da inércia imposta pelas explorações, as mais odiosas, entregue à sonolência provocada pelos negociantes do ópio, é um verdadeiro símbolo do despertar do mundo, oprimido pelo capitalismo rápido que esteriliza todas as energias sugando, roubando todo o esforço aos operários de todo o mundo.

Tudo o povo chinês se levanta como um só homem, diante dos opressores seculares, afirmando a sua revolta contra o regime imperialista, que tritura a classe operária do mundo inteiro.

O sangue de perto de cem operários e estudantes, assassinados pelos agentes do imperialismo internacional sublevará todo um povo e cimentará a unidade do movimento social que está interessando todo o mundo.

O proletariado alemão, tem promovido em Berlim uma série de importantes comícios a favor do povo chinês.

Em Hamburgo, os combatentes da frente vermelha, organizaram uma parada, que foi uma magnífica demonstração de solidariedade para com o povo chinês.

Notava-se nesse grandioso cortejo as guarnições dos dois navios ancorados no porto. O «Bolchevique» e o «Leninegrad». Os chineses residentes em França, continuam secundando na Europa a obra dos seus companheiros, que neste momento se preparam para resistir ao ataque das tropas internacionais que ameaçam bombardear Cantão.

Numa magnífica manifestação à embaixada chinesa, os manifestantes obrigaram Tchen-Lon, representante da China em Paris, a assinar: um telegrama ao povo chinês encorajando-o no seu magnífico esforço de emancipação, uma declaração de carácter dos acontecimentos da China; um protesto junto do governo francês para que retire as suas tropas da China; uma nota onde Tchen-Lon, se compromete em caso de intervenção da polícia francesa, para assegurar a liberdade de reunião e manifestação a todos os chineses residentes em França.

E o despertar dum povo, é o despertar do mundo. Nem com o ópio, o capitalismo internacional consegue evitar a justa indignação dum povo que tendo atingido um tão elevado grau de civilização, ofereceu durante séculos ao mundo, o espectáculo da sua inércia, da sua incapacidade de acompanhar a civilização do oriente.

E' que os chineses sabiam quanto é odiosa essa civilização. A sua suposta incapacidade, era uma defesa.

A civilização é a extorsão, a violência, o assassinato. A proverbial indolência do povo chinês, acaba de ser prodigiosamente desmentida. Essa inércia era o envenenamento de uma raça em benefício dos grandes trusts do ópio. A sua energia era roubada, a sua inteligência adormecida, para que durante o sono, o capitalismo internacional, que cometeu essa vergonha da chamada guerra do ópio, melhor pudesse realizar a sua obra hedionda de exploração.

E' contra essa exploração que o povo chinês se levanta, num belo movimento orientado pela mocidade das escolas, das universidades.

NA NORTE AMÉRICA

A SOCIEDADE engendra os delinquentes

Uma estatística que fala pelos revolucionários

Ainda não há muito tempo, quando o Suplemento de A Batalha fez um inquérito sobre as formas mais práticas de se conseguir organizar as operárias portuguesas, alguns militantes responderam, desviando o sentido à pergunta, que a mulher competia simplesmente conservar-se no seu lar a tratar da limpeza e da educação dos filhos.

Embora esta resposta não fosse a adequada, pois que não se perguntava: «qual era a missão da mulher?» mas desejava-se simplesmente preparar para a luta as desgraçadas, que dentro da sociedade capitalista são obrigadas a ir alugar os seus braços a qualquer explorador para não morrerem de fome e os filhos, no entanto, não há dúvida que a mulher que por qualquer motivo abandona o lar, abre-se à impetuosidade a porta a todos os vícios, que facilmente se irão inocular no espírito das crianças, que indefesas lá deixou.

A comprovar este facto, temos agora as declarações do juiz Henry Meade, do tribunal juvenil da cidade de Kansas, América do Norte, que afirmou que em cada vinte rapazes «criminosos» observou, que desanovos, pertenciam a famílias, nas quais as mães eram obrigadas a ir trabalhar fora de casa.

Para remediar este mal propoz Henry Meade, como verdadeiro juiz, que se proibissem as mães de ir trabalhar, e no caso em que tivessem absoluta necessidade de o fazer, que o Estado se encarregasse de as auxiliar, esquecendo-se ele, que a única maneira prática de se pôr um fim dentro da sociedade actual os males por ele constatados seria os patrões não pagarem aos pais salários de fome.

Mas como a exploração dos trabalhadores é um fenómeno inerente à actual organização capitalista, está claro que tal coisa jamais se verificará, enquanto este perdurar, e só a destruição do regime burguês que poderá permitir à mulher do povo o tratar dos seus filhos, como o seu sentimento lhe pede, e que as duras condições da vida lhe estão impedindo.

A Carteira de identidade

dos jornalistas ameaçada pelo ódio de Vitorino Godinho e pelas tórcas manobras duma associação híbrida

Os jornalistas que pareciam considerar um excepção ao mérito o ignorar-se, descobriram ultimamente que eram uma classe e, logo notaram, que eram uma classe espelhada a miúdo e sempre relegada para um plano inferior, abaixo de toda a gente, abaixo mesmo dos que não tinham profissão. De então para cá não param, tendo realizado sem espalhafato e com critério uma inteligência e profícua obra, bastante proveitosa principalmente para a sua dignificação moral e profissional.

O seu bilhete de identidade, absolutamente indispensável para o exercício da sua profissão era passado nas alforjas do governo civil. Resultado: havia muitas daquelas tabernas próximas do governo civil, agentes da polícia, indivíduos sem escrúpulos, dirigentes de inverosímeis jornais de mão de escada visando à caça do anúncio e à política de chantages, políticos, pessoas de passado duvidoso, inculcavando-se jornalistas e possuindo o bilhete de identidade passado pela polícia.

Por outro lado a polícia recebia o jornalista portador do referido bilhete, fartas vezes de sabre em punho e zurria-o e impedia-o sempre que lhe apetecia de desempenhar as suas funções. Descaradamente, a polícia afirmava que o bilhete de identidade não valia nada a-pesar de assinado pelo maior Ferreira do Amaral e este por seu turno dava ordens à polícia contra os jornalistas pelo que foi verberado por alguns jornais insuspeitos e dedicados amigos da ordem.

Um dia os jornalistas rasgaram esse bilhete de identidade infamante. E o ministério do dr. sr. José Domingos dos Santos concedeu ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa a faculdade de entregar aos profissionais da imprensa a Carteira de Identidade que fora criada em substituição do cartão. Caiu o Carmo e a Trindade e logo apareceram as empresas e a Casa dos Jornalistas que nada tinham feito para os instituídos se não superiores aos do Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Por fim tudo se harmonizou e nada mais se passaria se não fosse a estúpidez azimada do sr. Vitorino Godinho, que, depois de demissionário, como de direita e vesga manifestação do seu ódio à imprensa veio dar à Associação dos Escritores e Jornalistas o direito de passar a Carteira.

Os profissionais de imprensa na reunião magna que antecedeu se efectuou repeliram indignadamente a vingança que sobre eles exerceu o sr. Vitorino Godinho e os que pertenciam à Associação dos Escritores e Jornalistas declararam, com firmeza, que deixavam de considerar-se sócios. Com esta atitude essa Associação ficou abandonada pelos jornalistas passando desde esse momento a ser unicamente de escritores, outros alguns de qual pessoas de inteligência, outros alguns de qual pessoas de mérito outros ainda infelizes — para eles-cavalgaduras sem nenhum mérito.

Essa associação é um autêntico mostrenço, um corpo híbrido. Nem tem vida e nem sequer como os sindicatos operários tem a existência reconhecida legalmente. Não trabalha, encosta-se. E encostou-se ao sindicato na mais desonesta das intenções. Tam pouco é uma colectividade de jornalistas mas uma colectividade a que pertenciam alguns jornalistas, o que faz uma grande diferença que a impossibilita totalmente de ser um organismo de classe e de derimir questões profissionais.

Quere ter o direito de passar a carteira para a dar a muitos dos inúmeros parasitas que querem medrar e tripudiar à custa dos jornalistas. Os jornalistas defendendo-se das arremetidas duma colectividade inanimada designada por Associação dos Escritores e Jornalistas, merecem a nossa simpatia. E oxalá que, como neste caso os jornalistas se não esqueçam nunca de defender-se das arremetidas dos seus exploradores e dos seus inimigos que como este Vitorino Godinho nunca seriam gente se não fosse a sua errada e piedosa generosidade...

ALPIARÇA

As brutalidades do sargento Fernandes estão provocando um grave conflito

ALPIARÇA, 29.—Não podemos deixar de comentar os actos praticados nesta vila pela Guarda Nacional Republicana, as ordens do sargento Fernandes e na pessoa dos rurais.

O sargento Fernandes, julgando-se um sobra no meio de um rebanho de pretos vem ao domingo à praça onde cerca de 800 trabalhadores rurais veem alugar os seus braços por uma semana. Este sargento põe Alpiarça em estado de sítio e manda para aquele local a guarda que proibindo aos trabalhadores de estacionarem nas ruas próximas à praça. E de espada em riste mandando-os para a praça com ares ameaçadores. Se há algum que lhe diz não precisar de lá ir—descarrega sobre ele.

Temos evitado que corra o sangue dos nossos camaradas, mas já não podemos mais.

O sargento apareceu-nos ontem a cavalo. Verificamos que vinha embriagado pois que nem as crianças poupo. Empurrava-as com a espada e dizia-lhes arrogantemente: —Vão para ali seus malandros.

E aos homens dirigia-lhes outros insultos.

A autoridade administrativa e o tenente da guarda saberão do que se passa? Também nos consta que no local da praça foi agredido com uma coronhada, por um guarda, Armando Leal, pedreiro, por transportar, à mão, uma bicicleta.

O sargento Fernando sai fora da ordem e provoca e desordem, querendo imitar o tenente Vinhas, no Algarve.

A Associação dos Trabalhadores Rurais ficará quêda e muda sobre estes acontecimentos...

O padre Fernandes Castro

produziu afirmações revolucionárias que nos merecem simpatia

Conforme anunciámos realizou-se durante o dia de terça-feira, terminando na madrugada de quarta, o julgamento dos operários alemães Ebert Schmidt e Artur Grauman, implicados naquele caso de assalto à ourivesaria Lory.

Interessava-nos o referido julgamento não só por se tratar de operários que a miséria poderia ter conduzido à prática dos piores delitos, como pelo facto novo de serem defendidos gratuitamente por um eclesiástico — o dr. sr. Fernandes de Castro, conhecido orador sacro que certas desinteligências da Igreja impediram de continuar a pregar.

Seria fastidioso relatar pormenorizadamente o julgamento. A nossa expectativa não foi iludida, porém, na parte que se referia à defesa dos dois operários. Sabedores de que o padre Fernandes de Castro era uma criatura culta, calculámos que ele na defesa desinteressada a que se prestou não esqueceria aqueles princípios cristãos que tão adulterados andam por culpa dos próprios católicos.

Algumas passagens do seu discurso confirmaram a nossa expectativa. Assim, ele soube focar duma maneira eloquente as razões que levaram os dois operários alemães a, depois de resistir às tentações dum instigador hábil e corrupto, a praticar o arrombamento da aludida ourivesaria.

Vieram esses operários da Alemanha, acaçados pela fome e pela miséria. Em vão procuraram trabalho em Portugal. Um deles o Grauman, tem mulher que estima e que compartilhava da sua amarga situação.

«Cristo» disse o ilustre orador sacro respondendo a algumas alusões descabidas à Igreja feitas pelo doutor delegado — jejuou durante quarenta dias e quando o Demónio o tentou soube repelir a tentação. Grauman jejuou um ano ou mais, e quando o Demónio o tentou não pôde resistir. Há, porém, uma diferença entre ambos: Cristo, sendo filho dum homem, era Deus, e Grauman se não praticasse o crime seria Deus também, e o doutor delegado teria de adorá-lo num altar».

Depois de várias considerações interessantes, muito curiosas mesmo, que por falta de espaço não podemos reproduzir como desejariamos, o dr. Fernandes de Castro mostrando conhecer profundamente a má organização social que leva, por vezes, homens rectos ao crime, comentou:

«A sociedade conduziu os réus ao crime, a culpa é dela; agora, para completar a sua obra desumana, só lhe resta depois de julgá-los por actos que são da sua responsabilidade, condená-los à cadeia e a pobre mulher (a esposa de Grauman) a prostituição».

Não esqueceu o referido eclesiástico que as cadeias são verdadeiras escolas de crime e frisou-o bem no seu discurso. Citou também a maneira brutal como em regra a polícia arranca aos presos as suas confissões.

«Grauman» disse — não roubou. Impellido ao roubo por uma sociedade que lhe roubava todo o conforto, a alegria, a esperança, Grauman ainda hesitou em praticar o roubo. E, entretanto, tudo isso a sua miséria e a sua honra; as joias tentadoras nos dedos dos ricos que não compreendem a miséria porque nunca por ela passaram, o ambiente da dissolução que convidava a mulher a prostituir-se — tudo impelia Grauman para o crime. E ele ainda hesita em roubar a sociedade que o insulta na sua pobreza e na sua honra».

Ninguém nasceu criminoso. A sociedade fabrica os delinquentes aos montões, arremessando-os depois para uma masmorra. Sempre na intenção de focar o ambiente detestável que cerca os homens na actual sociedade, o dr. Fernandes de Castro frisou:

«Todos nós temos irmãos, filhos, sobrinhos, que amanhã, vítimas da sociedade, teríamos de condenar se condenássemos agora esses homens».

Referindo-se à esmola, diz: «O rico, por vezes, longe de beneficiar insulta o pobre com a sua esmola. O contraste da sua riqueza com a escassez do óbulo é um incitamento à revolta. E, nesse caso, o único fim apreciável da esmola é a revolta que produz no homem ativo que a vê necessária».

Muito teríamos ainda a reproduzir, mais ou menos fielmente, se o espaço não nos permitisse. Porém, o que já citámos dá uma ideia nítida do sentido social do discurso dum homem que, sendo padre, não deixa de ver os defeitos dum sociedade que é mais criminosa do que os criminosos, porque os fabrica.

Havia ainda outro réu, o polaco Schapiro, acusado de instigar os dois alemães. A sua defesa estava a cargo do dr. Ramada Curto, que se houve com o brilho habitual

RENOVAÇÃO

Apareceu efectivamente ontem o 1.º número da revista gráfica editada pela Secção Editorial de A Batalha. Obra nossa, não nos compete apreciá-la. Apenas podemos registar a apreciação que ouvimos a muitos camaradas para quem o n.º inicial de Renovação excedeu a sua expectativa; e podemos afirmar que se ela agradou ao público não satisfaz ainda os editores, o que serve para garantir que eles se esforçaram para que o 2.º número resulte muito melhor.

Quaisquer, porém, que sejam as suas deficiências, que é incontestável é que em Portugal ou no estrangeiro, no campo das nossas ideias, jamais apareceu publicação que se lhe assemelhasse. Orafricamente é uma obra de arte.

O 1.º número, permitindo a crítica ídali à obra feita, mostra que Renovação é susceptível de muitos melhoramentos que certamente nos números sucessivos se irão introduzindo.

E eis tudo quanto nos compete dizer.

A descida das tarifas dos eléctricos

constitui uma autêntica burla permitida e consentida pela Câmara Municipal

A Companhia Carris que, como todos os potentados, como todos os monopólios, sabe hábilmente tirar partido da corrupção de que estão eivados certos meios políticos, conseguiu por meio duma Comissão Arbitral que o tenente-coronel Fernando Freire se prestasse ao papel de extorquir dinheiro das algibeiras da população sob a forma de aumento de tarifas. Estabeleceu-se então que os bilhetes mudariam de preço ao sabor das oscilações do câmbio. Como nesse tempo o escudo se desvalorizava todos os meses a subida do câmbio foi uma magnífica gasua que o Freira manejava para conseguir para a Carris sucessivos aumentos. Foi a idade de ouro — para aquele monopólio.

Um dia, porém, o câmbio começa a descer e as coisas mudam de aspecto. A gasua deixa de surtir efeito e passa a ser uma arma de dois gumes. Se a Companhia elevava o preço dos bilhetes porque o câmbio subia, tinha de baixar o preço quando o câmbio descesse. Mas o câmbio desceu e os preços mantiveram-se. O último e excessivo aumento fizera-se quando a libra atingia a delirante soma de 160 escudos. Ultimamente a libra desceu para 98 escudos e pelo acordo invtado pelo cúmplice Freira as tarifas dos eléctricos tinham forçosamente de descer.

A Companhia, já sem Freira, que fora posto de parte por inútil, mas com o seu habitual impudor recusou-se a descer as tarifas, alegando uns pretextos descabidos, infundamentados, e com eles foi ganhando tempo porque cada dia passava lá arrecadando indevidamente a grossa soma produzida pelas tarifas do tempo em que a libra custava a espantosa soma de 160 escudos. Por fim a Carris cedeu e as tarifas desceram. Os leitores sabem como isso foi e deliraram de satisfação. Antigamente, uma zona custava \$50. Agora, a descida das tarifas uma zona custa os mesmíssimos \$50! Nem mais um centavo, nem menos um centavo. Sempre gostaríamos de saber a percentagem deste abatimento, explicada pela Carris. Pela aritmética o preço duma zona desceu na considerável percentagem de 0 %, percentagem que deve estar prestes a arruinar o monopólio de Santo Amaro. As outras zonas desceram ao todo — \$05. O mesmo abatimento de \$05 quer em 2 zonas quer em 5. Os bilhetes \$90 têm um abatimento de \$05 e os bilhetes de \$10 não sofrem uma diminuição superior.

E' assim a Companhia a diminuir as tarifas. Mas aumentá-las chegou à percentagem de 50 %! Este abatimento é uma burla, é uma zombaria permitida e consentida pela Câmara. E que epíteto merece uma Câmara que assim burla o público? O leitor dispensa-nos o epíteto e sabe que ele define moralmente o Freira. Atingiu-se a supremacia desonestidade. Inventou-se para aumentar as tarifas o Freira e para não descer as tarifas descobriu-se uma Câmara pior do que o nefasto Freira de odiosa e ruinosa memória.

Que diz a isto o sr. Jorge de Carvalho?

Dissemos há dias que a brigada mixta da polícia, tinha ido à vila de Sintra capturar uma manipuladora de pão que a polícia há tempo procurava. De facto a polícia tentou realizar essa prisão. Porém uma vez naquela vila, como não encontrasse quem procurava, prenderam um seu primo o manipulador de pão Armando Costa. Este foi conduzido para a esquadra da vila e ali pretendiam que ele dissesse onde estava seu primo. Como lhe respondesse negativamente, visto não saber onde ele se encontrava, o Armando Costa, a-pesar de ser corcunda, foi selvaticamente agredido ao ponto de jorrar sangue pelo nariz e boca. Aos gritos do infeliz convergiram bastantes pessoas conhecidas à esquadra, as quais foram violentamente expulsas dali.

Depois destes factos meteram o preso numa camionete e conduziram-no para Lisboa. Quando chegaram a um sítio êrmo, entre Rio de Mouro e Ranholas mandaram-o apear e fecharam-o num círculo.

De pistolas apontadas para o peito, cabeça e boca do Armando Costa, exclamaram em voz aterrorada:

—Ou dizes onde está o teu primo ou morres, e ficas aqui mesmo aterrado!

O desgraçado supplicava que o deixassem, que não o matassem porque não sabia do paradeiro do seu primo. Depois meteram-no na camionete, chegando a Lisboa às 22,30, a-pesar de ter saído de Sintra às 8 horas.

Uma vez na capital o preso foi removido para a esquadra do Calvário, transitando ontem para o governo civil de onde foi posto em liberdade à noite.

Além das seivagerias que o pobre corcunda foi vítima, a polícia apoderou-se dum lenço seu, cheio de sangue, certamente para que não fosse um elemento de prova.

Apóstamos dobrado contra singelo que o sr. Jorge de Carvalho também ignorava este facto dos seus subordinados

EM ITALIA

Os crimes do fascismo

Os bandidos acusam-nos uns aos outros

Sobre o nome de Mussolini pesam responsabilidades tremendas

A morte de Matteotti

Apareceram novos documentos, escritos pelos dois fascistas capturados por motivo do assassinio de Matteotti. Do memorial de Filippelli vamos transcrever as seguintes passagens:

«Dumini, um dos indigitados criminosos, é pessoa «conhecidíssima» do presidente do conselho Mussolini, antes da marcha sobre Roma, quando ele se fazia chamar Bianchi, quer para escapar às investigações da polícia por acções executadas como fascista fegoso, quer para se subtrair a eventuais represálias dos vermelhos. Conheci-o no Popolo de Itália. Pessoa, pois, fiel e de confiança».

Dumini é «amigo», além de Mussolini, de César Rossi e doutras personalidades do governo e do P. N. F. Dumini foi-me apresentado e vivamente recomendado por Rossi. Tomei-o como inspecor viajante do Corriere Italiano juntamente com Putato.

Em vista do êxito negativo do seu trabalho, e não querendo licenciá-lo, para não o deixar na rua, e por deferência para com Rossi e outros amigos, conservei-o no Corriere a meio ordenado. O mesmo fiz com Putato. Estavam sempre no Viminal.

Dumini 1) teria executado o atentado contra Misuri 2) teria «operado» na França 3) teria, ultimamente, afrontado a Forni na estação de Milão, por «ordem superior», proveniente e conivente de Mussolini».

Depois desta apresentação do seu digno amigo Dumini, Filippelli escreve o seguinte acerca da sua intervenção no atentado de Matteotti:

«Alarmado com a notícia da desapareição do deputado Matteotti, no dia seguinte, quarta-feira, procurei Rossi. A propósito de Matteotti dei-lhe que os meus repórteres narrassem a versão até à nota: «automóvel rapidíssimo Fiat, de cor gris» e porque não supunha ainda a coisa como executada por Dumini, e porque queria por lealdade para com o governo, avisar antes os eventuais chefes.

Na manhã de quarta-feira, Rossi por sua vez procurou-me afoitamente, enquanto eu o procurava, para me dizer:

1) que Dumini tinha comunicado ter-se servido do automóvel por mim emprestado de boa fé;

2) que a coisa era grave;

3) que o presidente «Mussolini sabia tudo»;

4) que ele (Rossi) e Marianelli tinham dado ordens depois de acordos tomados com Mussolini;

5) que era preciso a todo o custo, guardar silêncio a este respeito, de contrário saltava o próprio Mussolini.

Estas declarações de Rossi dispensaram-me duma denúncia formal.

Todavia, julguei oportuno avisar também, no mesmo dia, quarta-feira, a De Bono, Finzi, Marinelli e outros.

Soube por Finzi e outros:

1) que a vítima de Dumini era o deputado Matteotti;

2) que a ordem de suprimi-lo tinha vindo da Tcheka do P. N. F., cujos executores materiais eram Dumini e ladrões conhecidos — também por esta última função é específica — do mesmo Mussolini;

3) que tinham falado com Mussolini na própria quarta-feira;

4) que também Mussolini tinha recebido as cartas e o passaporte do deputado Matteotti, como prova da sua desapareição.

5) que era preciso ter calma, porque tudo seria arranjado;

6) suplicaram-me que evitasse que o automóvel trágico, emprestado por mim com a minha generosa boa fé habitual, fosse descoberto. Questão de Estado. O regime corre perigo — repetia-se-me. — Mussolini arrisca o poder e a cabeça.

Que fazer?

Cada palavra ou gesto meu podia comprometer a Mussolini.

Digo a ele, Mussolini pessoalmente; e momentaneamente calei-me. Também por que Marinelli e Rossi me contaram colóquios dramáticos com o Duce (II).

Não obstante isto fui, na noite de quinta-feira a casa de Finzi (onde fui recebido cortezamente por sua senhora e sua sogra) para dizer, que não podia viver mais tempo debaixo deste pesadelo, que pretendia estar tranquilo, sobretudo moralmente. Foram-me dadas garantias. As mesmas garantias me foram dadas na quarta, quinta e sexta-feira por De Bono, que entre outras coisas me aconselhou:

1) publicar a carta de Dumini;

2) fazer-me que tinha tomado medidas para fazer desaparecer os rastros do delito (qual?)

Estes rastros tinham sido os vestidos ensanguentados que Dumini tinha consigo no momento da sua prisão.

Dumini permaneceu em Roma até quinta-feira.

Na quarta-feira vício-o casualmente, pelas onze horas, na Galeria Colonna, e disse-me que de acordo com Marinelli e Rossi, iria no dia seguinte retirar o automóvel de casa do comendador Quilico, que, à noite, dumini foi vê-lo ao jornal dizer-lhe, sempre da parte de Marinelli e de Rossi, e, em nome deles, do regime, que não se arriscava a tirar o automóvel. Então se arriscava a tirar o automóvel. Então se arriscava a tirar o automóvel. Então se arriscava a tirar o automóvel.

O resto é conhecido.

Bazzi, que emprestou, a pedido de Dumini e de Rossi o seu automóvel alguns dias antes, sabe tudo. Também por ter assistido aos meus dramáticos colóquios em casa de Rossi nos quais pedia a libertação

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 5,16
S.	6	13	20	27	Desaparece às 20,05
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	O. C. dia 1 às 8,13
Q.	2	9	16	23	L. C. " 9 " 3,33
S.	3	10	17	24	O. M. " 25 " 25,40
					L. N. " 26 " 2,38

MARES DE HOJE
Praia-mar às 4,13 e às 4,30
Baixamar às 9,43 e às 10,09

ESPECTACULOS

THEATROS
Bomfim.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).
Trindade.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).
Cine.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).
Bomfim.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).
Trindade.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).
Cine.—A's 21,30—A. Severa (opéreta).

Pedras para isqueiros

aos quios, aos milheiros e aos centos.
Tubos, rodas, pipas, fundos e moles do aço,
tudo que é preciso para fazer isqueiros.
Venda em grandes quantidades aos melhores
preços para revenda.
A melhor pedra para isqueiros
(Qualidade garantida)
DÚZIA \$50
Pedidos a CARLOS A. SANTOS
Rua do Arsenal, n.º 81—Lisboa

A prestações CALÇADO, fazendas, fatos
e outros artigos. Sem fiador. T. André Valente, 1. (Calçada do Combro).

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 30400
Sapatos em verniz 38400
Botas pretas (grande salto) 40600
Botas brancas (salto) 28400
Grande salto de botas pretas 40600
Botas de cor para homem 40600
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é a rua dos Cavaleiros,
18-A, com Filial na mesma rua, n.º 69.

MADEIRAS
Nacionais e estrangeiras, de cor,
para marceneiros,
serradas em todas as grossuras.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Sabino da Silva
Largo dos Inglesinhos, 50—LISBOA

A PRESTAÇÕES Fatos e Sobretudo no rigor
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 35, 1.º

Associação de Socorros Mutuos

“O ORIENTE”
Sede—Rua Poço dos Negros, 86, 1.º
Em face do artigo 33.º dos nossos estatutos con-
voca a Assembleia Geral ordinária para o dia 6 do
corrente, às 21 horas, com a seguinte
ORDEN DE TRABALHOS:
Apresentação, discussão e votação do relatório e
contas da gerência de 1924 e respectivo parecer do
Conselho Fiscal.
Não reunindo por falta de número, fica desde já
marcada a segunda convocação para o dia 13 do
corrente, à mesma hora e reunindo com qualquer
número.
Lisboa, 3 de julho de 1925.
O Presidente, (a) Roberto Veloso Munhoz

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,
9 (à Rua do Amparo)
Residência: Rua Nova de S. Domingos, 17 (ao La-
ciado Cordeiro)

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 467

levantar-se quando sentiu um braço de Hércules agar-
rá-lo pela gola e a pesar-da sua resistência, arrastá-lo
para longe deste campo de carnificina; o servo reco-
nheceu Mahiet, quando lhe disse, obrigando-o sempre
a segui-lo:
—Vem, serás um homem precioso no verdadeiro
dia da revolta, mas deixar-te matar hoje, é loucura.
Vem.
—Mazurek está perdido! exclamou o servo com
desespero forçando contra o advogado; mas este,
sem responder a Adão o Diabo, já enraquecido pela
perda de sangue que corria da sua ferida, obrigou-o a
agachar-se junto dele ao pé dum montão de ramos
que provinham das árvores derrubadas para construir
as fortificações.
Pôs-se o sol, anoiteceu. As nobres senhoras, assus-
tadas com a revolta popular, abandonaram o lugar
do torneio e, montando nos seus cavalos ou à garupa
dos seus cavaleiros, dirigiram-se para as suas habita-
ções. A dois tiros de alcance das trincheiras, onde fi-
caram os cadáveres de um grande número de servos
mortos, corre o rio de Orville.
De um lado as suas margens são escarpadas, mas
do outro são orladas de numerosos canaviais; atraves-
sa-se aqui por uma ponte de pau: à direita desta ponte
estão plantados alguns velhos salgueiros que acabam
de ser debastados às machadadas, menos alguns gros-
sos ramos assás fortes e bifurcados para servirem de
forças. Já estão pendurados quatro corpos de vassa-
los que ficaram prisioneiros depois da rebelião; os
corpos destes supliciados desenhavam-se como sombras
num limpo céu cuprescular; a noite aproxima-se rá-
pidamente.
Em pé, no meio da ponte e rodeado dos seus ami-
gos, no centro dos quais se vê Gerardo de Chaumontel,
o senhor de Nointel faz um sinal e o último dos
revoltosos que ficaram cativos é, apesar dos seus
gritos e súplicas, enforcado como os seus companhei-

ros no salgueiral da margem. Então um homem car-
rega para a ponte com um grande saco de pano grosso
e escuro semelhante àqueles de que se servem os mo-
leiros; uma forte corda enfiada numa bainha na parte
superior permite fechar estreitamente este saco.
Conduzem amarrado Mazurek, o qual se conser-
vava assentado numa das extremidades da ponte ao
lado do prior. Este, depois de ter dado a beijar o cru-
cifixo aos servos enforcados, tornou para ao pé do pa-
ciente a quem vão afogar.
O rosto magoado de Mazurek coberto de sangue
coado, está hediondo, tiraram-lhe um dos olhos, e
o nariz foi esmagado pelos golpes furiosos que depois
da sua derrota lhe deu o senhor de Chaumontel com
a sua manopla de ferro. O carrasco descerá o orifi-
cio do saco, enquanto o bailio do senhorio se aproxima
de Mazurek e lhe diz:
—Vassalo, a tua rebelião é notória, tu atreveste-te
a acusar de furto Gerardo, nobre de Chaumontel. Ele
chamou-te ao duelo judiciário e tu foste vencido e con-
vencido de mentira e de difamação; vais, segundo a
ordem real, ser afogado.
Mazurek aproxima-se a passos lentos, e no mo-
mento em que vão agarrá-lo e fechá-lo no saco, levanta
a cabeça e, dirigindo-se ao senhor de Nointel e a Ge-
rardo, diz-lhes, como inspirado por uma exaltação pro-
fética:
—Dizem no país que todas as pessoas que vão
morrer adivinham; aí está pois o que eu adivinhei;
Gerardo de Chaumontel, tu roubaste-me e mandaste-
me afogar, serás afogado. Tu, senhor de Nointel, vi-
olentas-te minha mulher, a tua será violentada, minha
mulher dará talvez à luz um filho nobre; a tua dará
um filho de servo.
Apenas Mazurek acabava estas palavras logo o
carrasco tratou de meter o paciente no saco. Conrado
estremeceu: a sinistra predição do vassalo e não pôde
pronunciar uma única palavra; mas Gerardo de Chau-
montel dirigindo-se ao servo a quem metiam no saco,
pôs-se a rir, mostrando-lhe com o gesto os cinco en-

forçados que se balouçavam ao vento da noite e que
se apercebiam ainda vagamente como espectros atra-
vés das pálidas claridades da noite:
—Olha para os cadáveres daqueles vilões que se
atreveram a rebelar-se contra seus senhores! Olha para
a água que corre por debaixo desta ponte e que te vai
engulir... Se Jacques Bonhomme se atreve ainda à
revolta, as nossas compridas lanças para o ferir, as
árvores copadas para o enforcar, e, como hoje, Jacques
Bonhomme expiará a sua revolta nos suplicios.
Durante estas últimas palavras do cavaleiro, Ma-
zurek foi metido no saco, e no momento em que os
seus carrascos vão precipitá-lo no rio, a voz sepulcral
do vassalo grita pela última vez do interior da sua
mortalha:
—Gerardo de Chaumontel, tu serás afogado... Se-
nhor de Nointel tua mulher será violentada...
Uma gargalhada desprezadora do cavaleiro respon-
deu à predição do servo, e no fim dum instante ouviu-
se, no meio do silêncio da noite, um ruído nas águas
rápidas e profundas do rio.
—Vem, vem, disse o senhor de Nointel a Gerardo
com voz alterada, tornemos ao castelo, este lugar
assusta-me. A profecia daquele miserável vilão faz-me
estremecer, mau grado meu.
—Que fraquezal Conrado, estás doido?
—Tudo neste dia é para mim de mau agouro!
—Que queres dizer? replicou Gerardo seguindo o
seu amigo que se afastava a passos precipitados. Para
que falas de mau agouro?
—Esta noite, Glorianda, antes de regressar a Chi-
vry, disse-me: «Conrado, casar-nos hemos amanhã na
capela do castelo de meu pai, quero que nessa mesma
noite tu partas para ir guerrear em companhia do rei;
mas só serei tua mulher quando no regresso da bata-
lha, deposites a meus pés, como penhor do teu valor,
dez ingleses aprisionados por ti.»
—Vá ela para o diabo! exclamou Gerardo, os ro-
mances de cavalaria transformaram-lhe a cabeça!
—Quero, acrescentou Glorianda, que o meu es-

poso seja ilustrado pelas suas proezas. Por isso Con-
rado, amanhã jurarei sobre o altar de acabar os meus
dias num mosteiro, se morreres na batalha ou se fal-
tares ao que de ti exijo.
—Mas, com todos os diabos! torno a repetir, está
louca com os seus tais dez ingleses prisioneiros! De-
mais, a guerra só se vai buscar gílgaves, e a tua noiva
arrisca-se a ver-te regressar, zarolho, coxo ou mane-
ta... se é que regressares...
—E' necessário que eu ceda ao desejo de Glorianda,
não há génio mais pertinaz do que o seu; demais
ama-me tanto como eu a amo; os seus bens são con-
sideráveis; tenho dissipado uma parte dos meus na
côrte do rei João; não posso portanto renunciar a este
casamento, e, custe-me ele o que custar, irei reunir-me
ao exército em companhia dos meus homens!
—Seja! mas então combate... muito prudente e
moderadamente.
—E' a tenção que eu faço; o meu empenho é viver
a fim de casar com Glorianda... visto que durante a
minha ausência o prognóstico de aquele miserável
vassalo...
—Ah! ah! replicou Gerardo de Chaumontel
rindo às gargalhadas e interrompendo o seu amigo
acreditado tu agora que na tua ausência Jacques Bo-
nhomme violentará a tua noiva?
—Ris-te, e entretanto não tardará muito que aque-
les vilões, cousa inaudita! se não atrevam a injuriar-
nos, a ameaçar-nos, a atirarem-se a nós como fósse-
mos animais ferozes!
—Falas seriamente? não viste os farroupilhas a fu-
girem adiante dos nossos cavalos como se fosse uma
ninhada de coelhos? os suplicios desta noite comple-
tarão a lição, e Jacques Bonhomme ficará, com todos
os seus diabos! Bonhomme como era dantes. Vamos,
despacha-te e olha... pôsto eu preferir cem vezes a
caça, os torneios, o jogo e o amor, às loucas e peri-
gosas proezas da guerra, acompanhar-te hei ao exér-
cito, a fim de te trazer bem depressa para ao pé da
formosa Glorianda. Enquanto aos ingleses prisioneiros

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Elementos gerais

Algebra elementar
Nomenclatura, notação e operações algé-
bricas; equações do 1.º e 2.º grau; teoria dos
logaritmos; exercícios algébricos e tábuas de
logaritmos dos números 1 a 10000, por Gui-
lherme Ivens Ferraz.
1 volume de cerca de 300 páginas, enca-
dernado em percalina 13\$00
Aritmética prática
Numeração e operações sobre números in-
teiros, quebrados e decimais; composição de
números e equações numéricas; números
complexos; sistema métrico; regras de três e
conjunta; regra de câmbio; anuidades; tábuas
de logaritmos dos números 1 a 10000, por
Cunha Rosa.
1 volume de 384 páginas, encadernado em
percalina 15\$00
Desenho linear geométrico
Noções gerais até ao traçado da envolvente;
ciclóide, catenária; projecções ortogonais;
perspectiva, etc., por Cunha Rosa.
1 volume de 192 páginas, encadernado em
percalina 12\$00
Elementos de electricidade
Preliminares; geradores químicos de cor-
rente eléctrica; magnetismo; indução; gera-
dores mecânicos de corrente contínua; ger-
adores alternativos; leis fundamentais das cor-
rentes eléctricas; distribuição das correntes
eléctricas; iluminação; motores; telegrafia,
telefonía e outras aplicações, por Alberto de
Castro Ferreira.
1 volume de 784 páginas, encadernado em
percalina 30\$00
Elementos de física
Generalidades; atracção universal; líquidos;
gases; ar atmosférico; calor; optica; luz;
acustica; electricidade e magnetismo, etc.,
pela direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO
PROFISSIONAL.
1 volume de 184 páginas, encadernado em
percalina 12\$00
Elementos de mecânica
Noções gerais; estática; cinemática; diná-
mica, etc., por Eugénio Estanislau de Bar-
ros.
1 volume de 230 páginas, encadernado em
percalina 12\$00
Elementos de Modelação
Origem, material, instrumentos, modelos,
modelação em cera, ornato, arquitectura e
figura. Aposentamentos anatómicos, propor-
ções do corpo humano, escultura em pedra
e madeira. Exemplificação de motivos deco-
rativos aplicados à ornamentação escultural,
por Joseph Füller.
1 volume de 150 páginas, encadernado em
percalina 12\$00
Elementos de Projectões
Projectões do ponto, da recta e do plano;
mudança de lugar dos planos de projecção;
intersecções de planos e de rectas com pla-
nos; rotações e rebatimentos; perpendiculari-
dade das rectas e do plano; linhas curvas
planas, por João António Piloto.
1 volume de 405 páginas, encadernado em
percalina 16\$00
Elementos de Química
Generalidades; metalóides; metais; metais
comuns e intermediários; química orgânica;
corpos orgânicos, etc., pela Direcção da
BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.
1 volume de 330 páginas, encadernado em
percalina 12\$00
Geometria plana e no espaço
Estudo e resolução de problemas numéri-
cos e gráficos, sobre a linha recta; circunfe-
rências, linhas proporcionais e superfícies.
Estudos das linhas relativamente aos planos
o ângulos. Diedros, poliedros, prismas, pi-
râmides, sólidos redondos, áreas das super-
fícies poliedricas, áreas dos corpos termina-
dos por superfícies curvas, volume dos po-
lilíderos, volume dos corpos terminados por
superfícies curvas, noções sobre nivelamento,
tabelas e fórmulas diversas, etc., por A. Cu-
nha Rosa.
1 volume de 390 páginas, encadernado em
percalina 13\$00
Fabricação de tecidos
Noções gerais sobre a lã, algodão, linho,
juta e cânhamo. Preparação da lã. Cardar,
penetrar e fiar a lã, algodão, linho, juta e
cânhamo. Operações preparatórias da tecelagem.
Princípios de debuxo, acessórios de
tecelagem. Tecelagem em teares manuais e
mecânicos. Tinturaria e branqueamento do
algodão. Acabamentos e cálculos de fabrico,
por José Maria de Campos Melo.
1 volume de 260 páginas, encadernado em
percalina 13\$00

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos
Descrição dos tornos mecânicos, caracte-
rísticas e acessórios. Ferramenta do torneiro.
Trabalhos do torno. Roscas e parafusos dos
diversos sistemas, dimensões, tabelas e ope-
rações de abrir roscas. Movimentos, tornos
especiais, etc., Máquina de frezar ou freza-
dores. Sua classificação e descrição. Acessó-
rios e ferramentas das máquinas frezadoras.
Características, trabalhos e transmissões das
frezadoras, etc., por João Sequeira de
Castro.
1 volume de 320 páginas, encadernado em
percalina 15\$00
Desenho de máquinas
Utensílios de desenho e sua aplicação,
convenções de traços e cores; escalas dos de-
senhos; cortes e secções; cotas e dimen-
sões; esboços cotados; execução e disposição
dos desenhos, aguarelas e tintas, letras, tí-
tulos e legendas; projecções e intersecções,
desenhos ampliados, descrição de diversos
metais, exercícios de desenho à vista, des-
enho rigoroso, indicações práticas e propor-
ções de diversos órgãos de máquinas, tabelas,
etc., por Tomás BORDALO PINHEIRO.
1 volume de 340 páginas, formato 16x22
encadernado em percalina 25\$00
Material agrícola
Materias primas de construção; conserva-
ção do material agrícola; trabalhos cultu-
rais; ferramenta agrícola para a pequena
cultura; revolvimento da terra; cultura da
planta; colheita; preparação dos produtos;
tratamento das plantas; aparelhos agrícolas
para a cultura mediana; charrues de revira-
mento fixo, alternado, duplo, especiais; tracção
das charruas; máquinas agrícolas para
para a grande cultura; preparação das ter-
ras; lavoura mecânica; debulha; enfiamento
de palha; preparação de comida para o gado;
elevação de águas; motores agrícolas e
transformação de produtos agrícolas, por
H. FRANCIS DA SILVA.
1 volume de 270 páginas, encadernado em
percalina 13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor
Gerador de vapor; tipos diversos de calde-
iras; detalhes, acessórios e aparelhos auxi-
liares das caldeiras; nomenclatura detalhada
das máquinas de vapor em geral; diferen-
tes tipos de máquinas de vapor terrestres e
marítimas, por António Joaquim de Lima e
Silva.
1 volume de 280 páginas, encadernado em
percalina 13\$00
Problemas de máquinas
Problemas dos mais usuais para a avalia-
ção das superfícies e volumes, com aplica-
ções de princípios de física e mecânica;
problemas sobre caldeiras e máquinas de
vapor; resistências de materiais, etc., por
António Joaquim de Lima e Santos.
1 volume de 400 páginas, encadernado em
percalina 16\$00
Construção Civil
Acabamentos das construções
Trabalho de coberturas (telhados, etc.);
estufas, decorações e ornatos, tintas, pin-
turas, fimeamentos, douraduras, colocações
de azulejos, ladrilhos, lambrais, pavimentos
e mais trabalhos concernentes ao acaba-
mento de um edificio, por João Emilio dos
Santos Segurado.
1 volume de 340 páginas, encadernado em
percalina 16\$00
Alvenaria e Cantaria
Emprego nas construções das pedras em
geral; paredes e muros de cantaria, alvena-
ria, tijolo, alvenaria de aglomerados; es-
pessura das paredes e sua estabilidade; arcos
e abóbodas; vãos de portas e janelas;
escadas de pedra; chaminés; elementos or-
çamentais; trabalho do pedreiro e descrição da
sua ferramenta, etc., por João Emilio dos
Santos Segurado.
1 volume de 380 páginas, encadernado em
percalina 13\$00
Edificações
Descrição de um projecto de uma casa;
indicações gerais sobre edificios e sua distri-
buição interior; descrições genéricas dos ele-
mentos arquitectónicos das fachadas; bastan-
tes exemplis de projectos de edificios e res-
umo da legislação portuguesa e brasileira
concernente a edificios, por João Emilio dos
Santos Segurado.
1 volume de 260 páginas, encadernado em
percalina 13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações
Estudo do abastecimento de água, gás e
electricidade, Esquotos, instalações de re-
telhas, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação
e aquecimento das casas, princípios higiêni-
cos a seguir nas construções, por João Emi-
lio dos Santos Segurado.
1 volume de 300 páginas, encadernado em
percalina 13\$00

Anilinas Jacobus

As melhores para tingir em casa toda a qualidade
— do tecidos —
Cores garantidas—Vendem-se em toda a parte

MADEIRAS DO BRASIL
AS MAIS BARATAS
ADRIANO TELES, LTD.—Largo de São Domingos, 12

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
R. do Amparo, 86—LISBOA — TELEFONE 3930, N.º 1
gramas, FERRAGENS

Esmaltes belgas "Le Tigre"
Secar numa hora. São os mais
baratos e de melhor qualidade.
Sociedade de Produtos Químicos,
limitada, Campo das Cebolas,
43, 1.º—Lisboa.

Banco de carpinteiro com ferramenta,
vende-se. Che-
las. (Quinta do Armador).

CLINICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE 4.4186
Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

SABONETES JACOBUS
Os mais finos e perfumados
preferidos por todas as
senhoras-chicas. Vendem-se
nas melhores droguarias e per-
fumerias. Depósito por atacado:
Sociedade de Produtos Químicos,
limitada, Campo das Cebolas,
43, 1.º—Lisboa.

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS	
Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1\$00
Conceição Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Prat — A burguezia e o proletariado	\$50
Content — Contra o confusãoismo	\$30
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$30
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mela — O principio do fim	\$30
... A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$30
J. Rio	\$100
Trovas da noite	\$100
Definições sociais	\$100
Contos dum revoltado	\$100
Roberto o Pescador	\$100
... Carnet de Pensamento	\$20
J. Bakunine — No sentido em que so- mos anarquistas	\$50
Chueca — Como não se anarquista	\$50
R. Lazare — A Liberdade	\$50
J. Etrovan — A minha defesa	\$50
Kropotkin	\$50
A mocidade	\$50
Os bastidores da guerra	\$30
Moral anarquista	\$50
J. Guedes — Lei dos Salários	\$50
Briand — A greve geral	\$50
Roland — Rússia Nova	\$50
... O sindicalismo e os intelectuais	\$50
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	\$50
A. Hamon — A crise do socialismo	\$100
J. Santos — A transformação da so- ciedade	\$50
Neno Vasco	\$30
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	\$100
Domela — Patria e Humanidade	\$30
... Proletariado Histórico	\$100
REVISTAS	
Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal	\$100
La Revista Blanca em espanhol	\$150
Renovação, vários soltos	\$150

Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores do
mundo. Um milheiro, 2000. Por
qualquer grande desconto, isqueiros
AUSTRIA E PORTUGAL, tudo lar-
go, boa niquelagem, duzia 2240.
Tubos fechados e abertos, tampões,
bicos, moles, rodas ócas e musicais.
Pedidos ao unico representante em
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.—
Rua Andrade, 46, 2.º—LISBOA.

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Sexta sessão, em 26 de março

São propostos para membros dessa comissão: Jensen, Suécia; Rocker, Alemanha; Carbó, Espanha; Giovanetti, Itália; Maximoff, Rússia.—Maximoff não é membro da A. I. T., mas, devido à situação actual e além disso a ser um dos teóricos mais sérios da Rússia, é aceite.

A sede dessa comissão será em Stockolmo, sendo Jensen proposto para a presidência que a aceita depois de alguma hesitação.

Santillan propõe que também faça parte dessa comissão alguém dos países americanos; é eleito Henrique Nido. Além disso é proposto que se dê à comissão o direito de nomear novos membros se assim o julgar necessário.

Tudo é aprovado por unanimidade.

Santillan põe em discussão o regulamento das relações da A. I. T., quando num país existem duas organizações, uma aderente e outra que quer aderir. Se já há uma organização aderente, a outra não poderá entrar em relações com a A. I. T. sem prévio acordo com a primeira.

Kater afirma que em tais circunstâncias, antes de encetar relações com uma organização que quer aderir deve conhecer-se a opinião da organização aderente.

Schapiro diz que o caso da Argentina se repetiu já noutros países e que, portanto, devia formar-se uma comissão que se ocuparia do assunto.

Souchy menciona, nessa ocasião, que o Bund Herschaftsler Legisten da Austria deseja ser recebido na A. I. T. Não existe uma organização sindicalista na Austria o Bund é anarquista, mas faz propaganda sindicalista.

Kater manifesta-se contra a adesão dessa organização, porque não é favorável, mas sim contrária a uma organização sindical e podia servir-se da sua posição para obstaculizar o desenvolvimento de um movimento operário sindical.

Schapiro propõe que o secretariado participe no Bund, que por agora não pode ser aceite, até se saber se é possível ou não um movimento sindical revolucionário na Austria. O congresso manifesta-se de acordo.

A sessão interrompe-se para que as comissões possam trabalhar.

Quando o congresso volta a reunir, na noite de quarta-feira, Souchy apresenta a informação da comissão de redacção sobre a acção internacional da A. I. T. A resolução proposta é aceite:

«Cada central nacional criará uma comissão de acção internacional sob a presidência do seu representante titular na comissão administrativa da A. I. T. ou do seu suplente.

Essa comissão empreenderá o trabalho

necessário para realizar um apoio prático ao proletariado revolucionário dos países respectivos, a todo o movimento, a agitação ou propaganda que saia dos limites dum só país.

«2.ª Que a organização do país directamente interessada na urgência do apoio internacional faça conhecer imediatamente à comissão administrativa da A. I. T. a situação exacta da crise e sob que forma considere possível o apoio da A. I. T.

«3.ª O secretariado da A. I. T. enviará imediatamente às comissões de acção internacional de todas as organizações aderentes (e onde não existam as próprias organizações) toda a documentação necessária, as propostas que foram transmitidas e as que a comissão administrativa da A. I. T. ou o secretariado considerem oportunas.

«4.ª A comissão de acção internacional, segundo o carácter da agitação que tem intenção de empreender, deve tratar de obter a colaboração de organizações proletárias sindicais, revolucionárias ou outras, na obra empreendida por ela.

«5.ª As comissões de acção internacional apresentarão pelo menos uma vez por mês, um relatório sobre a sua actividade na central nacional correspondente e enviará uma cópia de essa informação ao secretariado da A. I. T.

«Compreende-se pois, que em caso de perseguições, prisões e outros casos que cheguem ao conhecimento do mundo inteiro por intermédio das agências telegráficas, etc., e que necessitem uma resposta imediata da parte do proletariado, as comissões de acção internacional devem empreender imediatamente o trabalho sugerido para cada caso particular sem esperar as circulares ou instruções da A. I. T.

A decisão de formar federações internacionais de indústria foi aprovada com a abstenção da Argentina, Uruguai e México. Nomearam-se três secretários: o dos operários da construção de Portugal, metalúrgicos da Alemanha e o dos marinheiros da Holanda.

Sobre o ponto 9.ª, a respeito da juventude sindicalista, Silva Campos, Portugal, faz uso da palavra. Disse que a juventude é apoiada em Portugal pelos sindicatos aderentes à C. G. T.; no movimento da juventude também tomam parte elementos intelectuais. Isto é uma alta significação em Portugal onde 75 por cento da população é analfabeta. O movimento juvenil criou em Portugal, instituições de instrução próprias, nas quais os jovens operários e os aprendizes são instruídos geral e tecnicamente.

(Continua)

HORARIO DE TRABALHO

Um pacto tenebroso dalguns cavalheiros de Reguengos de Monsaraz, ao qual não é indiferente o delegado do governo

Conhecia muito já da maldade dos detentores da riqueza social, e de todos aqueles que à custa do esforço alheio querem viver sem trabalhar.

Vi o massacre de operários nas ruas de Lisboa, em 1917; cargas e tiros em Évora, em 1922; delações no Algarve, em 1913; mulheres entregando-se à soldadesca por uma lata de rancho no Porto, em 1919; assassinato de operários e crianças, em Tavira, 1924; conchego as condições penosas de trabalho em que vivem os mineiros e o desprezo que têm as empresas pelas vidas dos mesmos; conchego os crimes dos políticos portugueses desta última década; os crimes do Fascismo, do Riverismo, de Maura, Lacierva e Dato; conchego os erros da revolução e os crimes da República francesa, os da Rússia, da Bulgária, do imperialismo inglês e germânico; as das católicas repúblicas americanas, e os dos papas católicos, negros e vermelhos; conchego enfim os cárceres da República francesa, da monarquia espanhola, e os da monarquia e da República portuguesa e por conseguinte a alma dos carcereiros; segundo o critério da polícia sou um cadastrado, mas mesmo assim, me admira, causa nojo, espanta, tanta perfídia. Pacto urdido pela cerberação de um Torquemada. Fora a máscara, que o operariado de Reguengos e do país vos fique conhecendo.

Por uma notícia que veio em A Batalha, já os leitores sabem que o delegado do governo viu os horários de trabalho com mais quatro horas, mas estas como suplementares, e aqui é onde está a chave do maquiavélico plano, os operários trabalham essas quatro horas, mas não as recebem, e se reclamam são despedidos porque há crise.

Assim temos os operários hoje trabalhando 12 horas por 15000 escudos, que era a jorna que auferiam antes da regulamentação do horário. Como o horário hoje é de 8 horas, ele só recebe 7500 por 8 horas, e 7500 por quatro horas pagas a dobrar como manda a lei, que prefaz nas 12 horas 15000 escudos.

Isto é, ficaram as jornas reduzidas a metade do que eram.

Quando chega o mês de Outubro já não se pode trabalhar mais do que 8 horas, e por tanto não podendo fazer horas extraordinárias, o operariado principia a trabalhar menos, mas também a receber menos, resultado lógico da tabela horário e jornal corrente.

Os industriais cavalheiros pensam assim conseguir de uma cajadada matar dois coelhos, não cumprem o horário e conseguem a ambicionada baixa de salários.

Conhecem alguma coisa mais jesuítica? Conhecem maior vileza do que a que encerra esta combinação que vimos de denunciar aos trabalhadores?

Mas amanhã, quando os operários de esta sãnta terra forem para a luta impedidos pela necessidade, que todos fiquem sabendo quem a provocou e de que lado está a razão.

Reguengos de Monsaraz, 30-6-924.—Um revoltado.

Condutores de carros

Continuam em greve os Condutores de Carros das casas Morais & C.ª. Alfredo Rosário Faria e João Francisco por motivo destes proprietários persistirem na indigna atitude de se recusarem a respeitar as 8 horas de trabalho.

O pessoal em greve, ontem reúnido deliberou prosseguir na sua luta até conseguir que as 8 horas de trabalho lhe sejam concedidas. Nesta reunião usaram da palavra vários camaradas e foi aprovada uma proposta a fim de que ninguém trabalhe sem que os proprietários modifiquem a sua atitude.

A comissão administrativa constata a pouca energia dum parte da classe, atitude essa que pode acarretar uma paralisação geral do trabalho.

Continua a constatar-se a maneira desleal e vexatória como os proprietários de carros estão procedendo para com o pessoal no desejo de prejudicar aqueles que lhes dão lucros fabulosos. A Direcção do Sindicato tem conhecimento de que os proprietários de carros reúnem, ontem na sede da Confederação Patronal, tendo resolvido combater à outrance as seus exploradores.

Em face disto é necessário que todos os condutores de carros tomem na devida conta a atitude dos seus roceiros que os pretendem reduzir a uma escravidão aviltante.

Brevemente, vai realizar-se em Alcântara uma reunião para se resolver o caminho a seguir, em vista da atitude renitente dos proprietários.

Os delegados da classe vão hoje realizar várias démarches para que o horário de trabalho seja cumprido. Todos os delegados devem estar hoje no Sindicato à hora combinada a fim de não prejudicar os trabalhos em trânsito.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

ENCONTRA-SE JÁ À VENDA
O 1.º NÚMERO DA REVISTA
RENOVAÇÃO
16 páginas de texto com muitas gravuras
Capa algarvia a três cores
e um «hors-texto»
— PREÇO 1\$50 —

UM GESTO DE REBELDIA

do pessoal da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal

Oh! o que se passa na Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal!

Aquilo tornou-se mil vezes pior do que o terrível inferno descrito por Dante... E o que é para nos fazer admirar com a mais espantosa excepção, é que sejam os anjos «papudos» da religião católica, apostólica e romana que estão à frente da direcção tenebrosa Companhia em questão, os que tivessem descido às vinícolas caldeiras do Pedro Botelho da rial parra da empresa dos Coutos, a auxiliar dois furibundos diabos que juraram pôr os armazens em estado de sítio...

A Rial Companhia Vinícola está, qual fortaleza bélica, defendida pelas carabinas da «ordem» armada, que se destacam sempre no amparo dos patifes. A estrada que dá acesso à citada Companhia encontra-se patrulhada pela cavalaria e infantaria da excelentíssima «brisa» municipal.

Para que tudo aquele aparato? Para se obter a que o pessoal dos armazens da Companhia Vinícola entrasse, hoje de manhã, para as suas respectivas secções. De véspera o pessoal, pugnando pela sua dignidade ultrajada, declarou-se numa espécie de greve de braços caídos: reclama a expulsão imediata de dois déspotas e sanguessugas. A «piedosa» direcção da Rial Companhia Vinícola, fechando os olhos à realidade da razão dos seus escravos de ambos os sexos, resolveu proclamar uma espécie de «lock-out» contra uma atitude justa de quem está sendo indignamente explorado; coloca-se ostensivamente ao lado de dois refinados verdugos e exploradores...

Oh! quanto de infâmias não se praticam intra-muros daquela reacção e negrada Companhia!

Os provocadores de todo o conflito são os rancorosos capitão Cerqueira da guarda fiscal—militar dos quatro costados—e o conhecido de gingeira Francisco Pinto Moreira, criatura tão «excelente» que, além de ter sido já expulso das minas de São Pedro da Cova e da Companhia do Gás de Lisboa, também já o fora da nossa Câmara Municipal... Sempre por ter bom coração, por ser uma bela alma... de lódo pestífero...

Depois que apresentamos ao público de A Batalha aquelas duas figuras tão «simpáticas», descrevendo ligeiramente umas duas proezas próprias dos seus instintos inquisitoriais, os dois céspedes de pacatilha redobram no seu endeminhamento febril—tanto mais que o pessoal mártir aplaude, gostosamente, as nossas vergastadas morais dadas nos seus opressores.

O escoreado Francisco Moreira Pinto já não quer só que o pessoal coma, num ápic, a refeição alver, para, na sua hora ir trabalhar de graça. Já não lhe chega a ameaça de meter—caso os seus subordinados não obedeciam aos seus draconianos desejos—pessoal novo, embora tenha de lhe pagar melhor... Quer, torquemadicamente, estabelecer, dentro dos armazens e das ruas da Companhia, uma fúria ditadora... Tiranía macabra, obediência cega, roubalheira absoluta...

Uma trabalhadora partiu no seu serviço duas garrafas, como quem pode partir a cabeça ou uma perna? Comunica-se aldrabonamente, jesuiticamente, que a vítima quebrou uma dízia—e suspende-se, e multa-se, semcerimoniosa e velhacamente...

Uma desgraçada entorna, numa das ruas interiores da Companhia, um pouco da sua água de caldo? É multada, é suspensa, é castigada conforme dá na real gana do Franciscano Pinto Moreira ou do capitão todo «fiscalmente» enroupado na sua farda agloada a impôr casernice nas casas de trabalho...

Para boa ordem da sua malvadaz perseguidora, o Pinto quer pintar a maceca com a proibição da entrada dos jantares que as respectivas mulheres ou filhas levam aos seus maridos ou pais... E como ele se refastela muito nababicamente a ingerir a sua melhorada e abundante refeição, não quer permitir que aqueles que trabalham nos camões possam, fugidamente, deglutir a sua inferior e minguada alimentação em cima daqueles carros... Também não quer consentir que, durante o tempo curtíssimo de descanso, as mulheres possam permanecer nas mencionadas ruas da Companhia torturadora.

E como tudo isto vai, para o odiado Pinto Moreira, de «quereres»—vá também de pretender impôr que se trabalhe até ao domingo—mas gratuitamente...

O número das perseguições, das vítimas, das multas, das suspensões, aumenta sensivelmente. A ambição de se explorar o pessoal, espicaça-se cada vez com mais crueldade. Não há respeito pelos direitos alheios! Não há educação para quem trabalha sob condições de salário tão baixo...

A coisa explica-se. O homem que fora corrido das minas de São Pedro da Cova, da Companhia do Gás e da Câmara Municipal tem dado colossais prejuízos à Companhia, devido à sua incompetência. Metendo-se em cavalarias altas, têm andado lá com umas obras de truz que já atingiram uma pequena cifra de perto—ou mais—de três mil contos, obras aliás que a direcção, vendo que a receita se estoroiaria na despesa, teve por bem mandar interromper...

E afilto com esta carrapata deficitária o carrasco Francisco Pinto Moreira, coadjuvado pelo tal capitão Cerqueira, iniciou estupidamente a sua acção perseguidora, multativa, traficante. E é tal a sua índole de malfazeir, que ele procurando ver até nos empregados as suas possíveis rapinices, os anda a «policiar», na suposição de que sejam todos gatunos...

A maré de antipatia, de revolta, contra o Moreira, avassalou todas as secções: ninguém o vê com bons olhos, todos o consideram um patife...

E' mercê deste estado de espírito, que o pessoal resolveu reclamar da direcção da Companhia a expulsão do capitão Cerqueira e do detestado F. Pinto Moreira.

A direcção ficou ontem de dar uma resposta. O pessoal, nos seus postos, esperou-a de braços cruzados, serenamente. O Francisco Moreira não compareceu no seu posto: anda com muito medo da justiça das vítimas, mas teve muito pouco vergonha para estar a ouvir, escondido num lado contíguo, o que uma comissão delegada do pessoal dizia dele aos directores. Quanto ao capitão, esse foi para a sua repartição, de onde, muito a recato, irradiou simples-

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reuniu no dia 24 do passado mês, o conselho confederal, com a presença dos delegados da U. S. O. de Olhão, Faro, Portimão, Évora, Setúbal, Almada, Porto e C. S. de Lisboa; das Federações Rural, Ferroviária, Metalúrgica, Construção Civil, Couros e Peles, Mobiliário e Empregados no Comércio, e dos sindicatos dos Mineiros de Aljustrel e de São Domingos.

Presidiu Inácio Marques, secretariado por Virgílio de Sousa e Carlos Gil.

Foi lido um ofício-credencial do Sindicato dos Mineiros de São Domingos, nomeando seus delegados ao conselho, Fernando de Almeida Marques e M. Pereira. Aceites, tomaram posse. Idêntico ofício da Federação dos Empregados no Comércio, zona Norte, acreditando Mário Pinto. E' também aceite, tomando em seguida posse.

Antes da ordem dos trabalhos falou sobre o horário de trabalho: Inácio Marques, Francisco Viana e outros, resolvendo o Conselho aguardar o parecer que o C. J. está incumbida de elaborar.

A ordem dos trabalhos constou dum proposta do Comité Confederal e agregados, a qual estabeleceu a data do Congresso, localidade e trabalhos a apresentar no mesmo.

Posto à discussão, Artur Aleixo falou sobre a localidade do Congresso. Diz ter recebido ofício da U. S. O. de Évora, em que lhe comunica, considerar a máxima conveniência que o Congresso se realize naquela cidade.

Alfredo Pinto a-pesar-de saber que os rurais têm vontade que o congresso se efectue em Évora, não deixa de reconhecer que nada se perde se ele se realizar em Santarém onde, no que respeita a propaganda, é tão conveniente como em Évora. Acrescenta que em virtude da situação de Évora perante os meios de transporte a maior parte das delegações seriam forçadas a despesas maiores para lá chegarem, que, atendendo à situação financeira dos organismos e à crise que atravessam, lhes dificultar a representação fno congresso. Resolveu-se que ficasse suspensa a aprovação da mudança de localidades até que a U. S. O. de Évora responda a um ofício que sobre o assunto lhe foi dirigido.

Jerónimo de Sousa refere-se à cota do congresso que desejaria não ser criada, perguntando ao Comité se não é possível prescindir da cota.

Manuel Nunes, da comissão do congresso, responde dizendo tal não ser possível, pois o cálculo das despesas a fazer acusa a necessidade dum verba elevada para fazer face a todos os encargos.

Mário Pinto não concorda com a cota proporcional por se prestar a situações imorais.

Nunes replica que em matéria financeira cada organismo só deve contribuir com o que pode.

Cardoso é de opinião que a C. G. T. deve auxiliar os organismos que do seu auxílio necessitem para poderem comparecer no congresso.

Silva Campos contesta, por considerar que tal procedimento é susceptível de especulações.

Joel Pontes declara que os sindicatos metalúrgicos do Norte, dado o conflito entre a Federação Metalúrgica e o seu Comité de Propaganda no Norte, lutarão com sérias dificuldades para se representarem no congresso.

Faustino Ferreira também cita as dificuldades em que vivem os sindicatos do ramo de tanoeira motivadas pela grande crise que atravessam. E' aprovada a tabela de cotização proposta pelo comité como segue: organismos com 100 filiados, ou menos, 15000; de 100 a 300 filiados, 25000; de 300 a 600, 50000; de 600 a 1000, 80000; de 1000 a 1500, 150000.

Os trabalhos propostos para o congresso são:

Relatórios moral e financeiro do Comité Confederal, de A Batalha, do Secretariado Jurídico e Solidariedade.

Organização Sindicalista, nova estrutura da C. G. T., das Federações e Sindicatos, esta tese é o resultado das teses que no Congresso da Covilhã foram apresentados e que baixaram a uma comissão de estudo; teses: «Educação»; «Higiene e salubridade nas oficinas»;

«A defesa das mulheres e menores nas oficinas»; A organização operária e condições de trabalho nas colónias.

Sobre estes trabalhos falaram Almeida Marques, M. de Figueiredo, Jerónimo de Sousa que preguntaram a razão de tais trabalhos.

Silva Campos informa que éles são a consequência de outros aprovados no congresso da Covilhã, no que respeita à organização Sindicalista e Educação. Os congressos corporativos quanto a higiene e salubridade, mulheres e menores nas oficinas, e no que respeita à organização nas colónias é para evitar a exploração e os trucs em que caem os operários que da metrópole vão para lá.

Almeida Marques lamenta que a indicação destes trabalhos não tenha sido acompanhada dum parecer. São aprovadas, após esta discussão, as teses propostas.

Francisco Viana discorda dos dias marcados para o congresso — 23, 24, 25 e 26 de

Setembro — e considera que o melhor dia de abertura do congresso será um domingo. Silva Campos esclarece que foram marcados estes dias para que os delegados não tenham que perder dias em duas semanas, embora como está indicado, perdendo-se uma semana, provoca menos transtornos. E' aprovada a data.

Jerónimo de Sousa alvitra para que o Comité se informe junto da Federação Rural da data do seu congresso, pois é possível que as datas se aproximem.

Almeida Marques propõe para que seja apresentado ao Conselho o plano de propaganda do congresso e entende que todos os trabalhos devem ser feitos por indivíduos confederados, para que possam com conhecimento de causa defender esses trabalhos. O Comité propõe que só possam tomar parte no congresso os organismos que à data são confederados. E' também aprovado.

Faustino Ferreira comunica que a sua Federação (de Tanoeira) realiza o 2.º congresso no próximo mês de Agosto.

Comissão organizadora do IV Congresso Operário

Reuniu ontem a comissão organizadora e resolveu enviar na próxima semana uma circular a todos os sindicatos confederados, indicando os camaradas que devem proceder à elaboração dos trabalhos a levar ao congresso.

C. S. T. L. (Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho de Delegados.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar a actual situação da classe e a sua apatia. 2.º Ouvir a exposição dos delegados da F. L. J. sobre os trabalhos que tem em trânsito. 3.º Assuntos de interesse para a classe. 4.º Apreciar a nossa publicação do Gráfico. 5.º Apreciar a atitude do pessoal de L. Portugal.

Sindicato U. da Construção Civil.—Pelas 21 horas, a Comissão Escolar para tratar de assuntos inadivéis.

Secção Profissional dos Pedreiros.—Pelas 21 horas, a assembleia geral, para tratar de assuntos inadivéis.

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica.—A comissão administrativa em sua reunião apreciou o expediente, deliberando officiar ao Sindicato da Covilhã em resposta aos seus officios e à Secção de Federações no sentido desta auxiliar a propaganda a fazer na provincia. Ocupando-se do caso das reparações de barcos fora do país, registou o facto de o vapor Sacavém, a-pesar-do seu péssimo estado, pois está remediado com cimento, encontra-se com tripulação completa e pronto a sair, sendo natural que a partida seja feita a título de viagem e quando regressar ao Tejo venha já reparado. Espera esta Federação que da entrevista a tal respeito com o governo algo se consiga.

Tratando da crise na industria metalúrgica, constatou o retraimento propostado na execução de trabalhos para provocar a oferta de braço e consequentemente a baixa de salários e a destruição das 8 horas de trabalho. Ficou assente levar êste assunto ao conselho, que hoje reúne, ao qual será também presente um parecer desta comissão sobre a solução do conflito com o Comité Metalúrgico de Propaganda do Norte.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE: Federação Metalúrgica.— Conselho Federal.—A's 21 horas, para assunto urgente.

Manipuladores de Pão.—A's 12 horas, as comissões de melhoramentos e administrativa, em conjunto.

S. U. Mobiliário.—A's 20,30 horas, a assembleia geral conforme convocações anteriores e com a ordem de trabalhos já publicada.

Refinadores de açúcar.—Pelas 20 horas, em assembleia geral para tratar de assuntos de grande interesse.

Sindicato dos Operários Municipais.—Por resolução da comissão administrativa, se convida mais uma vez Luis Martins e Carlos Costa para virem entregar o dinheiro da Comissão Pró-Sede, hoje pelas 21 horas.

—Pelas 21 horas, para assunto urgente as comissões administrativa, de melhoramento e Pró-Sede.

JOVENS SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.— Secção Mobilí-ria.—Reúne na próxima segunda-feira, pelas 20 horas, em assembleia geral, para resolver sobre a transformação orgânica da secção e assuntos diversos.

Secção dos Anjos.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão executiva para assunto inadivél.

Secção do Beato e Olivais.—Deve enviar hoje ou amanhã um delegado à sede do Núcleo, das 20 às 22 horas.

Secção da Meia Laranja.—Convidam-se os filiados nesta secção a virem à sede do Núcleo de hoje até à próxima quarta-feira, das 20 às 22 horas.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários das obras do Estado

São convidados todos os operários das obras do Estado que se encontram licenciados por falta de verba a comparecerem hoje, pelas 13 horas, na sede do Sindicato Único, calçada do Combro, 38-A, 2.º

Secção Telegráfica Federações

METALURGICA

Tôrres Novas.—Metalúrgicos do Parque

—O vosso caso está sendo tratado pela Federação Metalúrgica junto das entidades comoeentes.

PÁGINAS ALHEIAS Os serviços públicos

A revolução deve desde logo socializar e transformar em serviços públicos todos os ramos da produção, transportes e distribuição indispensáveis ao funcionamento duma sociedade moderna. E como órgãos ao mesmo tempo gerentes e executores desses serviços, não vemos senão as respectivas associações de trabalhadores—agrupamentos locais, união local desses grupos para as indústrias que operam, ou em quanto operam, na localidade (produção, armazenagem e entrega de subsistências e artigos de vestuário; construção civil; viação, iluminação e limpeza urbanas; serviços de saúde e de ensino, etc.); federações de indústria, de secções locais e de uniões de sindicatos para os serviços federais; como os caminhos de ferro, a navegação marítima, a aviação, os serviços telegráfico-postais, etc.

Esses grupos produtores poderão revestir novas e variadas formas, porventura, inteiramente imprevisas, adequadas às necessidades da revolução e segundo as transformações da fábrica, os grandes deslocamentos das forças do trabalho; mas, se quiserem tornar efectiva a socialização, conservar de facto a gerência directa da produção e fazê-la aproveitar igualmente a todos, não permitirão que se lhes sobreponha uma superintendência qualquer por mais proletária que se intitule.

Os órgãos económicos serão simultaneamente órgãos políticos ou administrativos: a primeira entidade económica será a unidade política, como se dizia na velha Internacional federalista. Haverá certamente que dar delegações de trabalho; mas a ninguém se deverá abandonar o poder de fazer leis e de as impor.

—Mas, objecta-se, ¿quem garante o público contra o monopólio de facto exercido por cada uma das associações? ¿Quem impede que a associação produtora cuide primeiro das suas comodidades e interesses corporativos e descure as necessidades e preferências do consumidor, impondo-lhe produtos inferiores e insuficientes?

Quem? O próprio público, que é ao mesmo tempo trabalhador e que compõe todas as associações produtoras. O próprio público, que é o senhor dos meios de produzir e de quem cada grupo produtor recebe apenas uma delegação de serviço. ¿Ou queríeis que fosse um governo, o qual ao impôr ao trabalho dos outros as suas normas, trataria sobretudo de si próprio e dos seus apaniguados e serventurios?

O verdadeiro monopólio (quando empregamos esta palavra não o fazemos, em geral, no sentido legal de exclusivo de fabrico e de venda, garantido por lei) é o monopólio de facto, exercido por um pequeno grupo de detentores efectivos dos meios de produção, contra um público, na sua maioria proletário, privado de quaisquer instrumentos de trabalho e de eficazes meios de defesa. Por outro lado, os salarizados que nesse monopólio trabalham, como simples instrumentos, não têm nem a menor ingerência, nem dele tiram o menor proveito.

Na sociedade comunista, são os próprios gerentes-trabalhadores das associações que constituem todo o público, cujas unidades se encontram em pé de igualdade

Assim, cada sócio da associação que porventura desatendesse o interesse do público, em breve se aperceberia, como consumidor, das danosas repercussões desse egoísmo de vista curta.

Demais, se êle, como consumidor, depende das demais corporações, de todas elas depende igualmente para a produção, na extrema complexidade do trabalho moderno, aquela que é membro. Esta não poderia trabalhar sem o concurso e a boa vontade dos que extraem a matéria bruta da sua indústria, dos que a submetem a variadas transformações antes da laboração definitiva, dos que a transportam, dos que lhe constroem as instalações, dos que a fornecem de máquinas e combustível, etc.

Se desta interdependência e solidariedade se esquecesse, o produtor-consumidor bem depressa aprenderia à sua custa as vantagens individuais e sociais do bom acordo e a necessidade de bem servir o público—que é precisamente o conjunto dos trabalhadores associados.

Na maioria dos casos, aliás, bastaria a pressão da opinião pública, bem mais homogênea do que hoje, feita por homens em igualdade de circunstâncias, constantemente estimulada e esclarecida pelos espíritos mais livres e empreendedores. Hoje mesmo, a-pesar-da multiplicidade de interesses antagonistas, produzindo mil correntes que se contrariam e anulam, a-pesar-da fraqueza do povo, des